

grado á causa da revolução social, ou privou desse dinheiro, se o não quizesse utilizar pessoalmente, a propaganda, indo assim da-lo ao Estado, ao burguês, que os foi empregar, na engrenagem governamental, contra os principios que ele quiz salvar com a sua coherencia.

Pela mesma epoca, Charles Malato recebe, nas mesmas condições, uma herança de 50.000 francos. Malato, com uma incoherencia manifesta, aceitou a herança, a qual estava em grande parte, pouco tempo depois, distribuida por obras de propaganda e de solidiedade. Qual dos dois andou melhor: o coherente ou o incoherente?

«Salvemos os principios,» exclamam Malatesta e outros. Mas o que é isso de salvar os principios, se não é apenas uma frase?

Trata-se da doutrina, da parte teorica, da Ideia? Mas isso não é salvo nem perdido com quaesquer atitudes que se tomem, porque em nada está dependente destas. Só ha uma coisa que póde destruir uma doutrina ou um principio; é outra doutrina ou outro principio. Aquela e outras frases semelhantes são lamentáveis, porque produzem confusões, induzem em erros, não se tomando cuidado com elas.

Não confundamos os principios com a sua applicação ou com a maneira de os servir. «Mas é disso apenas que se trata» dir-se-á. Pois então se assim é, não se ponha a questão da coherencia, porque esse terreno é falso, visto que a coherencia tanto póde ser util como prejudicial ás ideias que se pregam.

*

Ponhamos então a questão no terreno da *utilidade dos actos em vista dos fins a atingir*. Eu creio que tudo que não seja isto, é fugir da realidade objectiva para o campo especulativo, da doutrina pura, o que—para o que agora interessa a todos que se preocupam com o futuro—é o mesmo que andar nas nuvens, purificando a alma no banho da pureza dos principios, mas preparando-a tambem—e ao corpo, o que é talvez peor—para desagradáveis surpresas que os acontecimentos podem proporcionar.

Os mais intransigentes, dizem ou diziam pelo menos, que mais valia sujeitar-se o revolucionario a todos os actos de repressão governamental, do que submeter-se a ir para as fileiras; até o fusilamento era preferivel! chegou-se a dizer. E' claro que quando se leva, ou antes, quando se prega a intransigencia a este ponto, entra-se na região dos mysticos e nada ha a dizer; passa-se adiante.

Mas emfim, é natural que nos países beligerantes houvesse um numero maior ou menor de

revolucionarios a quem repugnava ou desagradava, por qualquer motivo, partir para a guerra. Muito bem fizeram, a meu ver, os que nestas condições procuraram furtar-se a ir para as fileiras. Mas estou convencido de que a grande maioria deles se viu na impossibilidade de o fazer, sem se colocar em circunstancias peores do que as que podia encontrar pegando em armas.

Resistindo abertamente á ordem de mobilisação, ou se era fusilado ou encerrado numa fortaleza; isto era, em qualquer dos casos, um sacrificio inutil, rivando a causa de mais um elemento para o futuro. Procurando esconder-se ou fugindo, as dificuldades em escapar, dado o estado de vigilancia apertada por parte das autoridades, eram imensas. Depois, durante a guerra, era preciso quasi não se mostrar, por assim dizer, dissimular constantemente, tomar as mil precauções que nestas circunstancias tornam insupportavel a existencia; e por cima disto, viver, isto é, ter morada, alimentar-se, vestir-se, etc. E como se faz isto senão tendo trabalho? E nestas condições, e nas condições em que estão os paizes em guerra, como se obtem trabalho? Que vida se levava assim e quantas probabilidades de se ser descoberto e então fusilado como desertor?

E' inutil falar, me parece, nos que, tendo recursos monetarios e ajudados por circunstancias favoráveis, pudessem ir para o estrangeiro e aí esperar os acontecimentos, porque esses constituem uma infima minoria.

Naquelas condições, o que é natural ter acontecido? E' a maior parte ter vencido a repugnancia e ir para a mobilisação, porque: não era certo morrer-se na guerra, podia acontecer ir-se para serviços que menos repugnassem que o combate propriamente dito, usar dos artificios de que se pudesse lançar mão para não combater ou faze-lo o menos possivel, etc. Tudo isto irá contra os principios, é provavel; mas não é certo que vá contra o fim principal a atingir neste caso: poupar-se o mais possivel para poder servir esses mesmos principios.

Mas ha os voluntarios e os que os apoiam. E' verdade; e com esses entra-se no ponto fundamental da questão.

Emilio Costa.

(Continua)

Lei de 13 de Fevereiro

Completaram-se ontem uns 19 anos sobre a promulgação da famosa lei scelerada portuguesa, que, bem feitas as contas, se deveu antes á insensatez dos jornais de Lisboa, monarchicos e republicanos, do que á dos chamados propagandistas pelo facto.

Bourtzeff

A historia é simples:

Bourtzeff, é aquelle escritor russo que publicava em Paris uma revista na lingua do seu paiz, *O Futuro*, na qual fez constantes e bellas campanhas contra os crimes do despotismo czarista.

Entre essas campanhas ficou celebre a feita contra a policia russa, a proposito do traidor Azeff. Nunca o czarismo perdoou a Bourtzeff as suas apiniões e a coragem de as expôr; mas Bourtzeff estava longe, em França...

Rebenta a guerra, e Bourtzeff, talvez entusiasmado pela comedia liberal que o governo russo está representando com a liberdade e o direito dos povos, partiu para a Russia confiante nas apparencias.

Em má hora o fez, porque o lobo espreitava a presa que ingenuamente se lhe ia meter na boca. Foi preso, julgado e condenado a degredo perpetuo para a Siberia; foi assim que os que prometeram a autonomia á Polonia, melhor tratamento aos judeus e salam em justiça e em direitos, responderam á ingenua confiança de Bourtzeff.

Se alguma coisa ha mais revoltante que o cinismo, a barbaridade de processos e a ambição de dominio do cesarismo alemão, é a comedia liberal e pacifista do despotismo russo.

Reunião sindicalista

Na quinta-feira da semana passada, alguns individuos que á organização e propaganda operária se tem dedicado, reuniram-se na sede da Associação dos Compositores Tipograficos, a fim de se combinarem sobre o modo de vigorizar o movimento sindicalista que após o Congresso de Tomar entrou em letargia. Trocaram-se explicações sobre anteriores procedimentos, analisaram-se as causas da doença da U. O. N., e fizeram-se protestos de fidelidade aos principios. Uma orgia de... de palavras. No meio dela, tres questões surgiram que deviam de ter sido discutidas em nova reunião marcada para trasanteontem. Foram elas:—deve ingressar-se na U. O. N. ?;—independentemente disso, deve criar-se a Liga dos Interesses Operarios ?;—guardando para mais tarde a resposta a tais questões, deve fazer-se reaparecer já o *Sindicalista*?

Sinais de vida

... Ou de morte.

De um artigo de J. Carlos Rates: «... eu julgo um erro muito prejudicial, neste momento e com tal estado de coisas, o inicio de grèves contra o Patronato. E' preciso promover uma grève monstro, que revista todas as fórmulas da energia operaria, mas uma grève que contra o Estado e só contra ele seja dirigida. E' preciso lançar a massa operaria, em peso, contra o Estado.»

Vê-se que Rates não tem duas das tres prendas que o filosofo requeria em seus discipulos. Oxalá não lhe falte tambem a outra!

NOTAS LIGEIRAS

Da banda dos que nos asoimam os ouvidos com a afirmação de que a guerra actual não passa de uma baralha de capitalistas,—ante a qual os revolucionarios sociais devem estar de braços crusados, soberanamente desdenhosos,—saíram agora estas palavras:—«A' Inglaterra convem, na posição geografica da Belgica, um pequeno país neutro». A' Inglaterra... (Quere dizer: ao estado inglês, ao imperialismo inglês, ao povo inglês, aos habitantes do territorio inglês. E' a confissão de que nem só imperialismos, nem só estados andam em luta; é a confissão de que do lado dos ingleses anda tambem o sentimento da necessidade de, para secção proprio, terem longe da porta o alemão guerreiro, conquistador, absorvente e cesarista.

Não serei eu quem o negue.

Antes da guerra actual era ponto assente que os trabalhadores dos diversos países se deviam mutua solidiedade. Quebraram este como que facto, os alemães—em prejuizo dos belgas, por exemplo. Assim sendo, os demais trabalhadores quebral-o-hão por sua vez, se não evitarem a neutralidade na contenda em que andam aqueles,—e ha muitas maneiras de o fazerem, sem chegar ao extremo de pegar em armas. De modo que perguntar-se ao meu amigo Emilio Costa, a proposito das minhas palavras—«neutralidade não é o contrário de solidiedade?»—porque não trata êle de arrastar Portugal a entrar na conflagração, tem seus ares de chufa de Carnaval, mas chufa que nem sequer é inteligente.

Qualquer.

O caso do Gaz

O tribunal de arbitros sobre accidentes no trabalho proferiu, na passada sexta-feira, a sua sentença ácerca das indemnizações reclamadas por motivo da explosão de ha meses na Boa Vista.

Antes as Federações da Industria haviam publicado um manifesto pedindo que se cumprisse a lei e se fizesse justiça. Pode dizer-se que este pedido não foi atendido, porque o autor da lei dos accidentes, como se falasse de ter sido mal recebida a resolução do tribunal, acudiu em defesa da sua dama, como hemos de ver. O processo subiu ou vai subir á Relação em recurso.

Uma explicação

A *Aurora* de domingo passado não faz a rectificação ou aclaração que se nos afigurou provavel. Talvez a faça agora, á vista do que aqui se escreveu. Demoremos então, mais uma semana, o que temos a dizer.

O sonho alemão

Jerarquia social: «No vertice, o official nobre, unicamente dedicado ás questões de guerra, dominando de alto a nação; depois, abaixo, as potencias industriaes e comerciaes, os grandes proprietarios agricolas, os professores, os sabios, os mestres de escola e, emfim, a massa do povo, todos solidamente arregimentados, todos orientados por uma formação e um ensino sistematicos, no intuito de colocar a Alemanha acima de tudo e de fazer dos outros homens os subditos servís do seu paiz».—P. Appell.